

# Castelo de Paderne



Tocar a Rebate

**EDUARDO BRITO COELHO**  
Coronel Engº (ref.)

**D**izia-me há dias uma pessoa amiga, quando eu recordava alguns aspectos relevantes da História da região algarvia: “Afinal, o Algarve não é só sol e praia...”. E não é, realmente, ainda que a falta de visão e a tomada de opções erradas pelos nossos dirigentes tenham fomentado o sentimento, em muitos dos nossos compatriotas, que o Algarve é apenas sol, praia, petiscos e eventos loucos...

O Algarve tem grandes potencialidades nos domínios da agricultura e das actividades náuticas (recreativas e industriais), entre muitos outros, para além do turismo. É uma região com uma História milenar e um património precioso que urge valorizar e promover.

Ocorrem-me estas ideias na sequência da visita que fiz, recentemente, ao Castelo de Paderne. Depois de o avistar ao longe, durante anos, ao percorrer a Via do Infante, nas proximidades da ligação desta à auto-estrada para Lisboa, fui finalmente conhecê-lo.

O Castelo de Paderne é um dos sete castelos representados no brasão de armas

da bandeira nacional. Os outros castelos, todos do Algarve, são: Albufeira, Aljezur, Cacela, Castro Marim, Estômbar e Sagres.

Construído no final do século XII pelos almóadas em “taipa militar”, o Castelo de Paderne ocupa uma posição estratégica entre o litoral e o barrocal algarvio, a meio caminho entre Loulé e Silves, num cabeço ladeado pela Ribeira de Quarteira. O castelo dispõe de defesas naturais por três lados, em virtude da ribeira e das encostas íngremes, sendo mais vulnerável pelo lado nascente onde, por esta razão, os mouros ergueram uma torre albarrã.

Conquistado em definitivo em 1248, no reinado de D. Afonso III, por D. Paio Peres Correia, o chefe militar português que tomou igualmente Tavira, Silves e muitas outras localidades algarvias aos mouros, o castelo ficou, em parte, ao abandono, após a mudança da povoação de Paderne para um novo local, no século XVI, e sofreu graves danos provocados pelo terramoto de 1755.

Nos últimos anos, verificaram-se, felizmente – segundo os painéis explicativos colocados no local –, várias acções louváveis tendo em vista conservar, recuperar e valorizar o Castelo de Paderne, que está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1971, e a sua zona envolvente. Nas redondezas do castelo há outros pontos de interesse, desde logo a ponte romana



Castelo de Paderne

sobre a Ribeira de Quarteira, assim como aspectos naturais (flora e fauna), que constituem justificações adicionais para que se visite a área.

Mas se a ocupação muçulmana deixou inúmeras marcas no Algarve, de que o Castelo de Paderne é um exemplo importante, há um vasto património de épocas e ocupações humanas anteriores na região algarvia: menhires e monumentos megalíticos na zona de Sagres/Cabo de S. Vicente; vestígios fenícios; Bacouris, Balsa, Ossonoba, Portus Hanibalis e Lacobriga eram importantes cidades pré-romanas; ruínas e construções romanas que as escavações arqueológicas continuam a trazer à luz nos dias de hoje. E, posteriormente ao domínio muçulmano, na Idade Média, construíram-se inúmeras igrejas e outros monumentos.

Ao Algarve está ligado o Infante D.

Henrique e a gesta dos Descobrimentos portugueses. De Lagos partiram as primeiras caravelas e foram algarvios muitos dos primeiros mareantes dos Descobrimentos. Neste contexto, o Algarve é, de certo modo, “onde tudo começou”: se os portugueses foram os precursores da globalização, nos seus primórdios estão o Infante, o Algarve e os marinheiros algarvios.

Sagres tornou-se, então, o núcleo da expansão marítima portuguesa, recebendo estudiosos e navegantes de diferentes nacionalidades, reunidos na Escola de Sagres. “Neste local único no Mundo como seria bom encontrar um monumento digno de Henrique o Navegador (...) do qual o genial Português veria passar os inúmeros navios a que ele abriu os caminhos do Atlântico!” (escreveu o Professor Robert H. Chodat, no início do século passado, mas a sugestão não vingou...). ■